

A INFLUÊNCIA DOS *PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DA HISTÓRIA DA LÍNGUA DE HERMANN PAUL* NO CAPÍTULO VII (SOBRE A DERIVA) DE *A LINGUAGEM DE EDWARD SAPIR*¹

William A. PICKERING²

Resumo: Este trabalho pretende demonstrar que as primeiras páginas do capítulo VII de *A Linguagem* de Edward Sapir, no capítulo intitulado “A deriva”, consistem em reflexões do autor sobre o capítulo II do livro *Princípios Fundamentais da História da Língua* de Hermann Paul. Evidências encontradas antes e depois da publicação de *A Linguagem* mostram que Sapir certamente teve familiaridade com os *Princípios* de Paul. Uma comparação do texto de Sapir com o de Paul mostra que Sapir consultou o livro de Paul, ou notas sobre esse livro, quando escreveu a primeira parte do capítulo sobre a deriva no seu livro. A exposição de Sapir da cisão dialetal é intencionada como argumento contra a teoria de Paul da mudança lingüística e em favor da noção de deriva e da correspondente visão estrutural da linguagem. Com base nestes resultados, pode-se concluir que a influência de Paul sobre Sapir era genuína e importante.

Palavras chave: deriva, Edward Sapir (1884-1939), Hermann Paul (1846-1921)

Abstract: *This paper shows that the initial pages of Chapter VII of Sapir’s Language, the chapter on ‘drift’, consist of Sapir’s reflections on Chapter II of Herman Paul’s Prinzipien der Sprachgeschichte. Evidence from both before and after Language was published shows that Sapir was certainly familiar with Paul’s Prinzipien. On the basis of a comparison of Sapir’s text with Paul’s, it is clear that Sapir made use of Paul’s book, or notes on that book, in writing the first part of the chapter on drift in Language. Sapir’s exposition of dialect differentiation was intended as an argument against Paul’s theory of change and in favor of Sapir’s own notion of drift and his corresponding structural view of language. On the basis of these findings, it may be concluded that Paul’s influence on Sapir was genuine and important.*

Keywords: *drift, Edward Sapir (1884-1939), Hermann Paul (1846-1921)*

¹ Este artigo apresenta alguns aspectos tratados no Exame de Qualificação Geral apresentado em setembro de 2009 ao programa de pós-graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, sob a orientação da professora Dra. Tânia Maria Alkmim.

² Doutor em Lingüística pelo IEL/UNCAMP sob a orientação do professor Dr. Angel Corbera Mori, 2010. *E-mail* para contato: willpickering@yahoo.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende demonstrar que a primeira parte do capítulo VII de *A Linguagem* de Edward Sapir (1921; trad. port. 1971), o capítulo intitulado “A deriva”, consiste em reflexões do autor sobre o capítulo II dos *Princípios Fundamentais da História da Língua* de Hermann Paul (1966).³ Defendo que, ao empregar Paul como fonte (sem o citar), Sapir estava construindo um argumento contra a teoria de Paul sobre mudança lingüística e a favor do seu próprio conceito de deriva e da sua visão estrutural da linguagem.

Sem dúvida, Sapir tinha familiaridade com os *Princípios* de Paul de uma forma ou de outra. De 1901 a 1905, Sapir estudou germanística no curso de graduação e também no curso de mestrado (Darnell, 1990: 6 seq.) na universidade de Columbia em Nova Iorque. Naquela época, o estudo de lingüística era basicamente equivalente à lingüística histórico-comparativa das línguas indo-européias, e o livro de Paul resumiu as opiniões teóricas dos seus praticantes mais proeminentes, a escola dos neogramáticos. De acordo com Jankowsky (1972: 145), após a primeira edição dos *Princípios*, publicada em 1880, Paul transformou-se “não somente no maior representante dos neogramáticos, mas, também, no líder incontestável do campo dos estudos de lingüística geral” (tradução nossa). Uma lista dos livros usados por Sapir

³ O livro de Paul, cujo título em alemão é *Prinzipien der Sprachgeschichte*, foi publicado originalmente em 1880 e passou por várias edições. A tradução portuguesa citada no presente trabalho tem por base a tradução da quinta e última edição revisada, a de 1920. De acordo com Koerner (2008: 109), que traça as diferenças entre as várias edições alemãs, Paul não mudou suas opiniões fundamentais nas várias revisões de seu livro. Alguns capítulos foram adicionados à segunda edição de 1886. Mais alguns itens, inclusive respostas aos seus críticos, foram adicionados às edições posteriores. A edição de 1920, no entanto, é meramente uma versão corrigida da quarta edição de 1909. Com exceção das notas de rodapé, os capítulos II e III – os de maior importância para o presente trabalho – são essencialmente iguais na tradução portuguesa da edição de 1920 e na tradução inglesa da edição de 1886 (Paul, 1888). Conseqüentemente, a questão de qual foi a edição (ou edições) da obra de Paul que Sapir consultou será ignorada aqui, como não sendo de grande relevância. Os números de seção da edição portuguesa, iguais aos da alemã (Paul, 1920): estão marcados com o símbolo § após os números de página.

em seus cursos de germanística como estudante de graduação e de pós-graduação, compilada por Murray e Dynes (1986:129), inclui gramáticas do gótico, do islandês, e do velho saxão, mas não inclui os *Princípios*. É difícil imaginar, entretanto, que Sapir desconhecesse completamente esse livro, cujo autor era também muito conhecido por seus estudos na área de germanística. Décadas depois, Sapir incluiu a quinta edição alemã dos *Princípios* (a de 1920) na lista de trabalhos recomendados para consulta dada no fim de seu verbete “Linguagem” na *Enciclopédia das Ciências Sociais* (Sapir, 1933; o mesmo texto encontra-se reimpresso, sem a bibliografia, em Sapir, 1949).

A influência de Paul no pensamento de Sapir pode ser vista em um artigo de 1911, “A história e as variedades da fala humana”, que foi escrito como um breve resumo da lingüística direcionado a um público letrado, sem referências bibliográficas. Entre outros assuntos, este artigo apresenta sucintamente a teoria dos neogramáticos sobre a mudança fonética regular. Fica evidente que este sumário tem como fonte o livro de Paul, não somente pelo seu conteúdo – que inclui um sumário, com ligeiras modificações, da teoria psicomotora de Paul da mudança fonética gradual (tratada em seguida) – mas também porque contém uma paráfrase da descrição feita por Paul da natureza das leis fonéticas:

O termo “lei fonética” é justificado na medida em que uma tendência comum pode ser descoberta em um grande número de mudanças de som individuais. É importante, entretanto, compreender que a lei fonética é um conceito puramente histórico, não comparável às leis da ciência natural. Estas últimas, se pode dizer, operam independentemente de épocas e lugares específicos, enquanto uma lei fonética é meramente uma afirmação generalizada de um processo que ocorre em uma área restrita e dentro de um período de tempo definido. (Sapir, 1911:55; tradução nossa)

Compare isso com o seguinte trecho do capítulo III dos *Princípios*, que aborda a mudança fonética:

A noção “lei fonética” não deve compreender-se no sentido que damos à lei na física ou na química, ou seja, no sentido que eu tinha em vista quando opus as ciências exactas às ciências históricas. A lei fonética não

afirma o que deve repetir-se sempre sob determinadas condições gerais, mas verifica apenas a regularidade adentro dum grupo de determinados fenómenos históricos. (Paul, 1966: 74 §46)

As seguintes seções deste trabalho demonstram que em *A Linguagem*, escrito dez anos mais tarde, Sapir continua a usar Paul como uma fonte de idéias, mas desenvolve seus próprios conceitos de linguagem e de mudança lingüística, completamente diferentes dos de Paul.

A TEORIA DE PAUL DA MUDANÇA FONÉTICA

Como já é conhecido, os neogramáticos eram um grupo de lingüistas alemães que na década de 1870 começaram a advogar o princípio da regularidade da mudança fonética. Em contraste com os seus antecessores, os neogramáticos rejeitaram a noção, comum entre os lingüistas do século dezenove (Jespersen, 1922: cap. II e III *passim*), de que as línguas têm épocas de crescimento e de deterioração. Além disso, eles enfatizaram a importância para a lingüística histórico-comparativa do estudo da fonética e das línguas vivas. Suas idéias dominaram a lingüística até a segunda década do século vinte, quando a nova orientação estrutural inspirada por Saussure começou a ganhar força. Embora os *Princípios* de Paul sejam considerados um sumário da abordagem neogramática, o próprio Paul não fez parte do grupo original e diferiu deles em alguns pontos, principalmente na importância que colocou na psicologia e em seu foco na lingüística histórica em vez da comparativa (Jankowsky, 1972:144 seq.).

Para entender a teoria de Paul da mudança lingüística, é importante distinguir entre a sua teoria geral da mudança, encontrada no capítulo II do seu livro (e tratada mais adiante), e suas idéias específicas sobre a mudança fonética, que são tratadas no capítulo III. Segundo Paul (1966: 55 §30), as inovações em vocabulário, semântica e gramática podem ser transmitidas com relativa facilidade e “sendo bem acolhido noutra sítio, avançar até mais longe sem alteração essencial”. O caráter da mudança fonética, por outro lado, depende somente do “convívio pessoal imediato”. Os sons são constantemente suscetíveis a mudanças ligeiras, mas estas mudanças pequenas e inconscientes não se espalham por longas distâncias. Conseqüentemente, diferenças locais na pronúncia podem desenvolver-se e

se mantêm por longos períodos de tempo. É por causa do seu relativo conservadorismo e caráter local que Paul conclui que “As relações fonéticas [i.e., em termos modernos, o sistema fonológico] continuam a ser o fator verdadeiramente característico na divisão dialetal dum território lingüístico uno.”

Outra importante diferença entre a mudança fonética e os outros tipos de mudança, é o seu caráter de processo no qual o som anterior gradualmente e imperceptivelmente se transforma em um som novo com o passar das gerações. Outros tipos de mudança envolvem meramente o uso progressivamente reduzido e o eventual desaparecimento de uma forma velha, ou o surgimento e propagação de uma inovação (Paul, 1966: 42 §19).⁴ Embora Paul não diga isso explicitamente, a exigência de que as mudanças sejam inconscientes não parece aplicar-se aos outros tipos de mudança. Apesar destas diferenças, todavia, a propagação de mudanças fonéticas e de outros tipos de mudança dentro de uma região de dialetos ocorre pelas mesmas causas – através de uma combinação de impulsos espontâneos, difusão, e dos efeitos de aquisição em crianças (Paul, 1966: 51-52 §25-26, 68-70 §41-43, 91-94 §61, 124-126 §82).

Dada a importância que a mudança fonética tem para Paul e para os neogramáticos, e a sua relação com as inovações de Sapir, vale a pena resumir brevemente as influentes idéias de Paul sobre o assunto. Em conformidade com os princípios dos neogramáticos, Paul argumenta no capítulo III, “A mutação fonética”, que as mudanças de som históricas são regulares no sentido que quando um dado som em uma língua se submete a uma mudança, esta alteração ocorre em todas as palavras que contêm esse som (tomando em conta diferenças no contexto fonético). Se um falante mudar ligeiramente sua pronúncia de um dado som, essa mudança se manifesta consistentemente em todas as locuções onde aparece

⁴ Weinreich, Labov e Herzog argumentam que Paul não distingue claramente entre mudança do tipo contínuo (mudanças em fenômenos gradientes, e.g. mudança fonética e semântica) e do tipo discreto (mudanças em fenômenos não-gradientes, e.g. mudança lexical), e que ele efetivamente limita a sua teoria da mudança à mudança contínua (Weinreich et al., 1968: 108 seq.; trad. port. 2006: 39 seq.). Não considero inteiramente justa tal crítica de Paul, como permite perceber minha argumentação.

o mesmo som em contextos fonéticos similares. O processo da mudança fonética é inconsciente e ocorre gradualmente. Depois de algumas gerações, as acumulações de mudanças pequenas e imperceptíveis na fala típica de um dialeto resultam eventualmente no que chamamos uma mudança fonética regular.

Para os neogramáticos, as mudanças fonéticas envolvem somente a fonética e não podem ser motivadas nem obstruídas por aspectos gramaticais ou semânticos da linguagem (por isso a mudança fonética, entendida em termos desta teoria, é referida como “cego” ou “mecânico”; McMahon, 1994: 19-22). Com o passar do tempo, as mudanças sonoras cegas podem interferir no sistema gramatical de uma língua, por exemplo, tendo como resultado fusões de sufixos de número e caso nos substantivos das línguas Românicas e Germânicas. Em tais casos supõe-se que, quando os falantes se tornam conscientes das irregularidades produzidas pela mudança fonética cega, tendem a regularizá-las criando formas novas e mais regulares seguindo o modelo de formas regulares existentes. O processo psicológico através do qual as formas novas são criadas recebe o nome de analogia. Como as mudanças de som, as mudanças analógicas supostamente tornam-se generalizadas em uma população dialetal por impulsos espontâneos, pela difusão, e pela aquisição. Para Paul, a analogia é um processo mental básico, responsável também pelo que hoje chamaríamos de produtividade morfológica, criatividade sintática, ou, ainda, regras fonológicas sincrônicas (Paul, 1966: 120-123 §78-80, 126-129 §84).

Dentro dos princípios gerais da teoria neogramática, Paul elabora uma explicação psicomotora das causas da mudança fonética, sumarizada nitidamente por McMahon:

Paul supõe que nós produzimos sons usando os músculos e os nervos motores, e que isso produz um sentido mecânico. O sentido é físico, mas depois que a atividade do músculo cessa, uma imagem da memória residual permite que nós repitamos o mesmo som outra vez, combinando o sentido mecânico com a imagem da memória. O discurso normal envolve uma quantidade razoável de desvios da norma – como Paul diz, “mesmo o atirador mais treinado erra seu alvo às vezes” (1978:8) [Paul 1966:64 §37] – mas estes desvios são geralmente demasiadamente pequenos a se-

rem ouvidos, e de qualquer forma, prosseguem em ambas as direções fora da norma, cancelando uma à outra.

Ocasionalmente, talvez por razões de conveniência ou facilidade de pronúncia, um desequilíbrio ocorre. Segundo Paul, se isto acontecer com um só falante, será percebido e não terá efeito, pois Paul supõe que a comunicação será impedida se alguns falantes estiverem fora da cadência do resto da comunidade de fala. Mas, às vezes haverá um consenso, com todos os falantes produzindo um pequeno deslocamento fora do alvo. Se este desequilíbrio excede em influência os desvios para o outro lado, o próprio alvo se deslocará gradualmente, alterando o sentido mecânico e a imagem da memória. (McMahon, 1994: 21-22; tradução nossa)

McMahon adiciona, entretanto, que “Infelizmente, Paul não explica porque os desvios aleatórios devem se tornar cumulativos e direcionais”. É esse problema, no contexto mais amplo da mudança lingüística geral, que Sapir tenta tratar em seu capítulo sobre a deriva.

INFLUÊNCIA DE PAUL NO CAPÍTULO VII DE *A LINGUAGEM* DE SAPIR

O capítulo VII de *A linguagem*, intitulado “A língua como produto histórico: a deriva”, pode ser dividido em duas partes. A primeira parte (Sapir, 1971: 148-156) contém uma discussão teórica da cisão de dialetos e línguas, enquanto a segunda parte (Sapir, 1971: 156-171) ilustra a deriva em termos de uma discussão histórica e psicológica do desaparecimento do pronome interrogativo do caso objetivo (*whom*) do inglês contemporâneo. Nas seguintes seções do presente trabalho, compara-se o capítulo II dos *Princípios* de Paul (“A cisão da língua”) com os parágrafos iniciais da primeira parte do capítulo VII de Sapir. Será mostrado que, nas páginas sob discussão, Sapir está empenhado em fazer uma reinterpretação criativa das idéias de Paul. Também será mostrado que, quando escreveu determinados parágrafos, o lingüista americano devia ter consultado o livro de Paul, ou pelo menos anotações sobre este. Por conveniência, a discussão que se segue divide-se em partes conforme a divisão em parágrafos da versão original do livro do Sapir (1921), apesar do fato que neste,

como Malkiel (1981: 542) aponta, a divisão pode ser considerada não muito boa (uma falha que foi retificada na tradução de Camara Jr.).

Parágrafo 1 (Sapir, 1921: 157 / 1971: 148)

Sapir abre o capítulo VII declarando que “Tôda gente sabe que a língua é variável” e afirmando que todos os falantes de uma mesma língua diferem uns dos outros nos detalhes da pronúncia, da gramática e do vocabulário. “Pode-se dizer, até certo ponto, que êles falam dialetos levemente divergentes da mesma língua mais do que a rigor a mesma e idêntica língua.” (Sapir, 1971: 148). A primeira parte do capítulo trata da cisão de línguas em dialetos diferentes, o mesmo tópico considerado no capítulo II dos *Princípios* de Paul. No começo deste último, encontramos também o autor discorrendo sobre a variabilidade da língua e dizendo que, “Na realidade falam-se, a cada momento, dentro duma comunidade, tantos dialectos quantos os indivíduos falantes [...]” (Paul, 1966: 48 §22). É necessário examinar o contexto da frase de Paul para ver que, apesar da similaridade das citações acima, Sapir está de fato preparando o solo para a apresentação de uma alternativa à teoria de Paul sobre a mudança lingüística.

Paul começa seu capítulo comparando o processo de cisão dialetal à especiação na evolução biológica e expõe durante o capítulo, com algumas referências explícitas, mas sobretudo implicitamente, uma teoria de cisão e mudança análoga à teoria da seleção natural de Darwin.⁵ De acordo com Paul, os idioletos (“línguas individuais”, em sua terminologia) de que se compõem

⁵ Ao contrário de muitos pensadores de sua época, Paul compreende a teoria da seleção natural como uma explanação não-teleológica da evolução biológica, de acordo com que pretendia Darwin (Paul, 1966: 40 §16, 26-27 §9; sobre Darwin e teleologia, veja Mayr, 1982: 479-534 passim). É importante distinguir as analogias biológicas no trabalho de Paul do chamado “darwinismo lingüístico” de August Schleicher e o evolucionismo antropológico de outros escritores do século XIX, como Herbert Spencer. Estas idéias, que postulam estágios fixos e previsíveis do progresso lingüístico ou social, são criticadas por Sapir como “preconceito evolucionista que se insinuou nas ciências sociais pelos meados do século passado e que só agora começa a perder o seu império tirânico em nosso espírito” (Sapir, 1971: 126). Paul também menciona com desprezo esta vertente do pensamento evolucionista (1966: 21 §6, 47 §22).

uma língua variam de uma maneira análoga à variação entre os organismos individuais de uma espécie biológica. Segundo Paul, as pessoas adotam ou rejeitam as inovações lingüísticas, sejam palavras, padrões gramaticais, ou mudanças ligeiras de pronúncia, de acordo com as necessidades práticas da comunicação cotidiana. Como na seleção natural, no qual uma espécie muda gradualmente suas características ao longo de um período de muitas gerações, as transformações históricas de uma língua são os efeitos, não-intencionais e acumulados a longo prazo, dos atos de numerosos indivíduos que interagem somente para suas próprias finalidades imediatas (Paul, 1966: 40 §16, 198 §130, 228 §147, 239 §154, 267 §173).

Um processo de cancelamento no nível comunitário assegura que nenhum idioleto varia demasiadamente fora da média no uso de inovações ou de formas ultrapassadas (Paul, 1966: 50 §23). Assim, uma norma ou média geral está mantida em todo e qualquer momento, enquanto no transcorrer do tempo a mudança gradual é possível. É dentro do contexto de uma analogia direta entre a variação dos organismos individuais de uma espécie biológica e a variação das “línguas individuais” de uma língua ou dialeto, então, que Paul faz a observação acima citada que cada idioleto é um dialeto próprio.

Parágrafo 2 (Sapir, 1921: 157-159 / 1971:148-149)

Os parágrafos dois e três do capítulo VII de *A Linguagem* contêm uma argumentação paralela a algumas das seções do capítulo II do livro de Paul (1966: 49-50 §23-24) e as similaridades entre os dois textos induzem o leitor à conclusão que Sapir consultava diretamente o livro de Paul, ou algumas notas sobre esse livro, quando escreveu esses parágrafos. No parágrafo dois, Sapir afirma que apesar da variação lingüística entre indivíduos, os falantes de um mesmo dialeto se conformam a uma norma geral:

As variações individuais míngnam e desaparecem diante de certas concordâncias maiores – como, por exemplo, na pronúncia e no vocabulário – que ressaltam com vigor quando a língua do grupo em conjunto é comparada à do outro grupo. Isso mostra que há uma como que entidade

lingüística ideal, a dominar a fala habitual dos membros de cada grupo; que o sentimento de liberdade quase irrestrita que tem cada indivíduo ao usar a sua língua é contido por uma tácita norma diretriz. [...] O que impede que as variações individuais ascendam à importância dialetal não é simplesmente a sua insignificância em qualquer caso – pois há muitas variações dialetais inconfundíveis que não são de maior magnitude do que as variações individuais dentro de um mesmo dialeto; é que antes de tudo as variações individuais são “corrigidas” ou canceladas pelo consenso do uso geral. (Sapir, 1971: 148-149)

Como apontado acima, Paul advogou também a noção que a variação lingüística entre indivíduos está contida por um processo de cancelamento. O seguinte trecho do capítulo II de Paul parece conter idéias muito similares àquelas expressadas por Sapir na citação acima:

A influência exercida ou sofrida pelo indivíduo estende-se sempre só a uma pequena fracção da colectividade, e adentro desta fracção há ainda diferenças de grau importantes. De acordo com isto dá-se também na verdade uma compensação contínua das diferenciações realizadas, que consiste no seguinte: divergências de uso em vigor até então são de novo repelidas, ou transmitidas a indivíduos que as não desenvolveram espontâneamente. (Paul, 1966: 50 §23)

Entretanto, apesar das semelhanças superficiais, estes trechos ilustram diferenças cruciais no pensamento dos dois lingüistas e mostram como a exposição de Sapir contém uma crítica à teoria de Paul. Para Paul, o processo de cancelamento é uma força para a estabilidade e, também, para a mudança: um dialeto permanece estável devido à rejeição de “divergências de uso em vigor até então”, mas uma mudança na norma ocorre quando elementos lingüísticos novos são adotados como norma por uma comunidade. Embora Paul não seja muito claro sobre este ponto, a adoção generalizada de uma variação nova ocorre, como mencionado acima, por causa de uma combinação de tendências espontâneas e difusão de inovações, além de fatores relacionados à aquisição da língua por novas gerações. Assim, o processo de cancelamento explica a existência de normas dialetais frente à variação individual, assim como a mudança gradual. Para Sapir, em contraste, a variação é somente um fenômeno superficial e o cancelamento

somente uma força conservadora. Como será discutido abaixo, Sapir defende que as razões principais para a mudança lingüística são as causas ainda desconhecidas da deriva, sendo essas internas à “entidade lingüística ideal, a dominar a fala habitual dos membros de cada grupo”.

Ainda no mesmo parágrafo, Sapir argumenta que embora possam existir diferenças extremas entre falantes do mesmo dialeto, todo falante adere à mesma norma:

Se todos aqueles que falam um dialeto dado fôssem escalados de acôrdo com o seu grau de conformidade ao uso geral, não há dúvida que constituiriam uma série de tonalidade ricamente degradante em tôrno de uma norma ou centro bem definido. As diferenças entre dois vizinhos da série não seriam perceptíveis senão a uma pesquisa lingüística microscópica. Já as diferenças entre os membros extremos da série seriam por certo consideráveis, provavelmente tão consideráveis que orçariam o montante de uma verdadeira variação dialetal. O que nos impede de dizer que êles falam dialetos distintos, é que as suas peculiaridades, em conjunto não se referem a uma norma própria, senão à própria norma da série. (Sapir, 1971: 149)

A passagem acima é a continuação do que pode ser chamado o contra-argumento paralelo que Sapir está construindo como resposta ao texto de Paul. Reflete claramente o seguinte trecho de Paul, mas enquanto Sapir enfatiza a norma que unifica um grupo variado de falantes, Paul enfatiza a possibilidade de diferenças gradativas entre idioletos.

Se a intensidade do convívio fosse regular em todos os pontos de um território lingüístico, teríamos então apenas línguas individuais, das quais aquelas que estivessem em contacto recíproco íntimo pouco difeririam umas das outras, enquanto entre os extremos opostos se poderiam ter formado diferenças marcadas. Então não seria possível reunir um certo número de línguas individuais num grupo que opuséssemos a outro como um todo homogêneo semelhante. Cada língua individual poderia ser considerada como um grau intermédio entre várias outras. Mas uma tal situação não existe em parte alguma nem existirá nunca. (Paul, 1966: 50 §24)

Parágrafo 3 (Sapir, 1921: 159 / 1971: 149-150)

Sapir continua o seu argumento no trecho citado abaixo, seguindo o argumento geral do texto de Paul, mas ao mesmo tempo, respondendo às afirmações que Paul faz em outras partes do seu capítulo:

Se a fala de cada membro de série pudesse ser encaixada em outra série dialetal, deixaríamos de ter verdadeiras barreiras entre os dialetos (e as línguas). Teríamos apenas uma série contínua de variações individuais a se estenderem por todo o âmbito de uma área lingüística historicamente unificada, e a divisão desta grande área (que abarcaria até em alguns casos partes de continentes diversos) em dialetos e línguas distintos seria um ato essencialmente arbitrário, sem outra justificativa que não conveniência prática. Mas essa concepção da natureza das variações dialetais não corresponde aos fatos tais como os conhecemos. (Sapir, 1971: 149-150)

Em nota de rodapé desta passagem, Sapir adiciona:

Note-se que nos referimos à fala individual em conjunto. Não cabe aqui isolar alguma peculiaridade especial de pronúncia ou do uso e assinalar-lhe a semelhança ou identidade com um dado aspecto de outro dialeto. (Sapir, 1971: 149n)

A observação de Sapir de que a existência de falantes de dialetos intermediários faria a divisão dialetal “um ato essencialmente arbitrário” é uma resposta a um argumento que Paul coloca bem no início de capítulo II dos *Princípios*. Comparando os métodos da classificação biológica, como compreendidos à luz da teoria da evolução darwiniana (cf. Bowler, 1989: 177-178; Mayr, 1982: 487-488), aos métodos da classificação lingüística, Paul diz:

A grande revolução sofrida pela zoologia nos tempos modernos baseia-se em grande parte na descoberta de que nada tem existência real além do indivíduo, que as espécies, géneros, classes não são mais do que resumos e distinções da inteligência humana – que podem ser arbitrárias e diversas – que as diferenças de espécies e as diferenças individuais não o são na essência, mas só no grau. Para a apreciação dos dialectos temos de partir duma base correspondente. No fundo devemos diferenciar tantas línguas quantos os indivíduos. Quando reunimos num grupo as linguagens de determinado número de indivíduos e excluimos deste grupo as doutros indivíduos, abstraímos sempre, ao fazê-lo, de certas diversidades, enquanto damos valor a outras. Deixa-se portanto uma margem bastante grande à arbitrariedade. O que não é de pressupor de antemão é que tenham de

subordinar-se as línguas individuais a uma sistema de classes. Devemos estar preparados para encontrar um certo número de indivíduos que hesitamos em contar neste ou naquele dos dois grupos muito semelhantes, por muitos grupos que possamos constituir.

E é sobretudo quando tentamos reunir os grupos mais pequenos a grupos maiores, e quando tentamos delimitá-los uns em relação aos outros, que verdadeiramente somos postos perante o dilema. Só é possível fazer-se uma distinção clara em comunidades em que o convívio foi interrompido durante algumas gerações. (Paul, 1966: 47-48 §22)

Neste trecho, pode-se ver como os pressupostos fundamentais de Paul contrastam com os de Sapir. Embora Paul argumente mais adiante que as cisões de dialetos e línguas resultam da (relativa) separação comunicativa de comunidades de fala, seu pressuposto básico é que cada língua individual é potencialmente diferente de qualquer outra – a única razão que as línguas individuais são similares a outras é o efeito constante da comunicação diária. Pelo menos teoricamente, isso permite a possibilidade de, nas palavras de Sapir, “uma série contínua de variações individuais a se estenderem por todo o âmbito de uma área lingüística historicamente unificada”. Para Paul, a definição de distinções dialetais é exatamente o que Sapir diz que não deve ser: uma questão de “isolar alguma peculiaridade especial de pronúncia ou do uso e assinalar-lhe a semelhança ou identidade com um dado aspecto de outro dialeto” (cf. Paul, 1966: 51-52 §26, 419-420 §284).

Um tema constante em *A linguagem*, que contribui para o livro se tornar um clássico na literatura lingüística, é o interesse demonstrado por Sapir em expor que as línguas, particularmente seus sistemas fonológicos e gramaticais, têm uma coerência estrutural interna (abordagem que desenvolveu quase simultaneamente, mas independentemente, de Ferdinand de Saussure; Camara Jr., 1971: 234). Parte deste grande argumento envolve minimizando o papel que a difusão geográfica tem na mudança lingüística (cf. Sapir, 1921: 208ff.; Darnell, 1990: 99-100). Ao contradizer a idéia de que as diferenças individuais, em teoria pelo menos, ocorrem numa variedade gradativamente infinita ao

ponto onde uma divisão nítida de dialetos se torna impossível, Sapir está fortalecendo seu argumento que cada dialeto representa uma norma lingüística unificada e estruturada, seguida por todos os seus falantes. A nota de rodapé na qual Sapir diz que se refere no texto à língua do indivíduo “em conjunto”, i.e. holisticamente, mostra claramente o contraste entre sua própria abordagem e aquela de Paul.

Na continuação do parágrafo três, Sapir argumenta que podem existir indivíduos isolados que falam “um compromisso entre dois dialetos de uma língua”, ou podem surgir “dialetos intermediários” que são produtos da influência de um grande número de tais falantes. Mas tais situações, mesmo sendo comuns, são “muito secundárias” e não refletem o processo básico de mudança lingüística, mas fatores como a migração e a influência de uma língua escrita.

Bem como Sapir, Paul acredita que os vários tipos de contato entre línguas são extrínsecos ao processo normal de mudança, chamando-os de “algo que não pertence necessariamente à vida da língua, embora não falte em quase nenhum campo lingüístico” (Paul, 1966: 409 §274). “Paul e os neogramáticos”, escreve Jankowsky, “[...] colocaram a ênfase primária na diacronia, e não somente se esforçaram para diferenciar entre itens herdados e emprestados, mas consideraram a hereditariedade de importância essencial e o empréstimo de importância periférica” (Jankowsky, 1972: 156; trad. nossa). Esta atitude parece vir em parte de sua falta de conhecimento do verdadeiro alcance de fenômenos de contato, mas também do fato que o funcionamento da regularidade de mudança fonética parecia exigir comunidades dialetais estáveis e fonologicamente homogêneas (Seuren, 1998: 95-98; abordam-se aqui as críticas feitas na época por Hugo Schuchardt; cf. Paul, 1966: 76-77 §48).

Paul conclui a discussão acima afirmando que as diferenças de pronúncia dentro de um dialeto local normalmente não são de tal ordem a interferir com a uniformidade de mudanças fonéticas – outros fatores, como empréstimos, são “inconseqüências aparentes” que não são diretamente relevantes ao processo

de mudança fonética. Deveria também ser acrescentado que no seu capítulo sobre o “Cruzamento de línguas” ele não dá muita importância (exceto no caso do vocabulário) ao contato, por meio de bilingüismo ou a escrita, entre línguas diferentes ou dialetos geograficamente separados. Entretanto, é claro que ele considera o contato entre idioletos (i.e. falantes do mesmo dialeto ou dialetos em proximidade comunicativa) como sendo de importância primária como fator de mudança (Jankowsky, 1972: 159; Paul, 1966: 409 §274). Passagens como a seguinte mostram esse ponto; ou seja, como também para Paul a exigência de homogeneidade não é um princípio que se aplica a todos os tipos de mudança:

[...] o indivíduo isolado pode ter, para com o material linguístico da sua comunidade, uma relação em parte activa, em parte apenas passiva, isto é, não emprega ele próprio tudo o que ouve e compreende. A isto vem juntar-se que do material linguístico que muitos indivíduos empregam de comum acordo, uns preferem uma cousa e outros outra. É sobre tudo nisto que se baseiam as divergências mesmo entre as linguagens individuais mais semelhantes, e a possibilidade duma modificação gradual do uso [i.e. da norma geral]. (Paul, 1966: 41 §17)

Em contraste com a atitude de Paul, a rejeição de Sapir sobre a importância do contato entre línguas vem de sua convicção de que as línguas, na mente do indivíduo, assim como normas da comunidade, têm uma estrutura coerente que não pode ser desalojada facilmente, mesmo após muitas gerações, por influências externas. No capítulo IX de *A Linguagem*, intitulado “Como as línguas se influenciam entre si”, ele apresenta exemplos da difusão geográfica de elementos fonéticos e morfológicos entre línguas não relacionadas, mas argumenta que embora os sons de uma língua possam mudar sob a influência de uma ou de outra, “O fato altamente significativo em tais interinfluências de sons é a forte tendência de cada uma das línguas a manter intacto seu padrão fonético” (Sapir, 1971: 200). Neste capítulo, ele afirma algo similar sobre a influência de contato na morfologia das línguas, e diz:

De uma maneira geral, portanto, procuremos associar as principais concordâncias e divergências de forma lingüística, – padrão fonético e morfologia –, com a deriva autônoma das línguas, sem complicá-la com os efeitos de uma difusão de caracteres fortuitamente acumulados ora num

sentido, ora noutro. A língua é provavelmente, de todos os fenômenos sociais, o mais senhor de si, o de mais maciça resistência. É mais fácil extirpá-la do que desintegrá-la na unidade da sua forma. (Sapir, 1971: 204)

Parágrafos 4,5 (Sapir, 1921: 160-161 / 1971: 150-151)

No parágrafo quatro do capítulo VII, Sapir argumenta (contra Paul) que a separação comunicativa de grupos de falantes não é suficiente para explicar a existência de diferenças entre dialetos (lembrando que Sapir define a diferença entre dialetos como uma diferença entre normas consideradas como estruturas holísticas distintas, e não em termos de conjuntos de elementos separáveis como os de que se compõem isoglossas). Ele se indaga o porquê, dado o efeito estabilizador de cancelamento, a norma geral deve mudar em qualquer caso, mesmo nos casos onde as comunidades foram separadas uma da outra:

Surge logo, porém, a árdua questão: se todas as variações individuais, dentro de um dialeto, são constantemente reduzidas à norma dialetal, se não há tendência apreciável de servirem as peculiaridades individuais de ponto de partida para um cisma dialetal, por que havemos de ter diferença dialetal? Não é de esperar que a norma, ameaçada em certo momento e em certo local, se imponha em última instância? Não é de esperar que as variações individuais de cada localidade, ainda que na falta de intercâmbio entre si, se cancelam e simplifiquem numa fala média aceita por todos? (Sapir, 1971: 150-151)

Como apontado anteriormente, Paul entende o processo de cancelamento como explicação para a existência de uma norma ou média comunitária, e também como explicação para o potencial de mudança gradual na média (ou melhor, em cada um dos elementos da média). Paul começa sua exposição deste ponto perguntando primeiro por que as línguas mantêm um grau de uniformidade frente à variação. No trecho de *A Linguagem* citado acima, Sapir caracteristicamente reinterpreto o problema em seus próprios termos. Isto pode ser visto comparando-o ao trecho paralelo de Paul:

Se partirmos do princípio indiscutível de que cada indivíduo tem a sua língua própria, e cada língua a sua história, o problema, que o facto da

formação dos dialectos nos obriga a solucionar, não é a questão como é possível que de uma língua uniforme saiam diferentes dialectos; segundo o que dissemos, a formação das diferenças parece evidente. A pergunta a quem temos de responder é antes esta: *porque será que, enquanto a língua de cada indivíduo tem a sua história especial, se mantém constantemente um maior ou menor grau de concordância adentro dum certo grupo de indivíduos?* (Paul, 1966: 49 §23; itálico original)

Enquanto Paul pergunta por que a estabilidade ocorre no meio da mudança, Sapir pergunta por que a mudança ocorre no meio da estabilidade. Empregando uma metáfora náutica, Sapir responde que as línguas derivam; um processo diferente da cisão de dialetos devido à separação comunicativa de comunidades. A noção de deriva é introduzida no seguinte trecho famoso, sendo o primeiro lugar no capítulo VII onde a palavra “*deriva*” aparece⁶:

Se as variações individuais, em superfície, fossem o único tipo de variabilidade lingüística, creio que não lograríamos explicar por que e como surgem os dialetos; por que sucede que um protótipo lingüístico gradualmente se fracciona em línguas ininteligíveis entre si. Mas a linguagem não é apenas uma coisa que cresça no espaço, por assim dizer, – uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única pintura situada fora do tempo. *A linguagem move-se pelo tempo em fora num curso que lhe é próprio. Tem uma deriva.* Ainda que não houvesse a fragmentação das línguas em dialetos, ainda que cada língua persistisse em firme e inflexível unidade, estaria em constante afastamento de toda norma consignével, desenvolvendo incessantemente aspectos novos, transformando-se tanto em referência ao seu ponto de partida que teria de dar na realidade uma nova língua. (Sapir, 1971: 151; itálico nosso)

Fica evidente que quando Sapir diz que “a linguagem não é apenas uma coisa que cresça no espaço”, ele tem em mente as

⁶ Nos primeiros seis capítulos de *A Linguagem*, a deriva é mencionada somente quatro vezes. Ocorre uma vez no prefácio (Sapir, 1971: 15), e no capítulo VI em relação à tipologia lingüística nas páginas 124 (“*derivas*” = *drifts*), 130 (“*certas tendências*” = *certain drifts*), e 144 (“*lhes domina a marcha*” = *dominates their drift*). Depois que a deriva é introduzida no meio do capítulo VII, Sapir usa o termo dúzias de vezes no resto do livro, especialmente em referência à mudança fonética, mas também em referência a outros tipos de mudança lingüística e, além disso, tendências culturais. Sapir admite que as causas da deriva são desconhecidas, mas sugere que a deriva está motivada por um desejo inerente das pessoas para ordem no sistema simbólico da mente (de qual sistema, para Sapir, a linguagem faz parte integral) (Sapir, 1971:144-145, 157n, 183, 187). Em Malkiel, 1981, encontra-se uma análise detalhada do conceito sapiriano de deriva.

idéias de Paul sobre a divisão dialetal e o papel da variação nas causas da mudança. Mas quando adiciona que a língua não é somente “uma série de reflexos nos cérebros individuais de uma mesma e única pintura situada fora do tempo”, está colocando sua própria perspectiva. Para Paul, cada idioleto é construído individualmente na mente do falante, peça por peça (embora os idioletos dos falantes do mesmo dialeto são muito similares). Na visão de Sapir, os falantes do mesmo dialeto compartilham da “mesma e única pintura”. Não é “situada fora do tempo”, mas, entretanto, contém as forças de mudança dentro de si.

CONCLUSÕES

O argumento apresentado neste trabalho pode ser agora resumido. Evidências encontradas antes e depois da publicação de *A Linguagem* mostram que Sapir certamente teve familiaridade com os *Princípios* de Paul. Uma comparação do texto de Sapir com o de Paul mostra que Sapir consultou o livro de Paul, ou notas sobre esse livro, quando escreveu as primeiras páginas do capítulo sobre a deriva no seu livro. A exposição de Sapir da cisão dialetal é intencionada como argumento contra a teoria de Paul da mudança lingüística e em favor da noção de deriva e da correspondente visão estrutural da linguagem. Com base nestes resultados, pode-se concluir que a influência de Paul sobre Sapir era genuína e importante.

Uma questão que não foi abordada neste trabalho é a de se os pensamentos de Paul inspiraram Sapir a perguntar como as derivas podem ser explicadas, ou se Sapir simplesmente usava a exposição de Paul de cisão dialetal como um fulcro retórico para abrir uma discussão de idéias inspiradas por outras fontes. Esta pergunta, se houver uma maneira de respondê-la, merece uma investigação adicional. De qualquer modo, fica claro que Paul exerceu alguma influência nos pensamentos de Sapir sobre a mudança lingüística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOWLER, P.J. *Evolution: The History of an Idea*. Berkeley: University of California, 1989.
- CAMARA JR., J.M. 1971. “Um século de estudos lingüísticos nos Estados Unidos da América (1860-1960)”. In: SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. J. M. Camara Jr., tradutor. Rio de Janeiro: Academia, 1971. p. 227-254.
- DARNELL, R. *Edward Sapir: Linguist, Anthropologist, Humanist*. Berkeley: University of California, 1990.
- JANKOWSKY, K.R. *The Neogrammarians*. The Hague: Mouton, 1972.
- JESPERSEN, O. *Language: Its Nature, Development and Origin*. London: George Allen & Unwin, 1922.
- KOERNER, E.F.K. “Hermann Paul and general linguistic theory”. *Language Sciences*. v.30, n.1, p. 102-132. Amsterdam: January, 2008
- MALKIEL, Y. “Drift, slope, and slant: background of, and variations upon, a Sapirian theme”. *Language*. v.57, n.3, p. 535-570. Washington: September, 1981.
- MAYR, E. *The Growth of Biological Thought*. Cambridge: Harvard, 1982
- MCCMAHON, A.M.S. *Understanding Language Change*. Cambridge: Cambridge, 1994.
- MURRAY, S.; DYNES, W. “Edward Sapir’s Coursework in Linguistics and Anthropology”. *Historiographia Linguistica*. v.13, n.1, p. 125-130. Amsterdam, 1986.
- PAUL, H. *Principles of the History of Language*. H.A. Strong, tradutor. London: Sonnenschein, Lowry, 1888.
- PAUL, H. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. 5a ed. Halle: Max Niemeyer, 1920.
- PAUL, H. *Princípios fundamentais da história da língua*. Maria Luisa Schemann tradutora. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966[1920].
- PAUL, H. “On sound change”. In: BALDI, P.; WERTH, R.N. (orgs.). *Readings*

- in Historical Phonology*. University Park: Pennsylvania State University, 1978[1886]. p.3-22.
- SAPIR, E. "The history and varieties of human speech". *Popular Science Monthly*. v.79, p. 45-67. New York: July to December, 1911.
- SAPIR, E. *Language: An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt, Brace, 1921.
- SAPIR, E. "Language". In: SELIGMAN, E.R.A.; JOHNSON, A. (orgs.). *Encyclopaedia of the Social Sciences, Vol.9*. New York: Macmillan, 1933. p. 155-169.
- SAPIR, E. *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture, and Personality*. Berkeley: University of California, 1949.
- SAPIR, E. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. J.M. Camara Jr., tradutor. Rio de Janeiro: Academia, 1971.
- SEUREN, P.A.M. *Western Linguistics: An Historical Introduction*. Oxford: Blackwell, 1998.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.L. "Empirical foundations for a theory of language change". In: LEHMAN, W.P.; MALKIEL, Y. (orgs.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas, 1968. p. 95-195.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.L. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. Marcos Bagno, tradutor. São Paulo: Parábola, 2006[1968].